



A Pacificação dos Moros: O Governo Militar Americano no Sul das Filipinas, 1899-1913

Doutor Charles Byler

VALE A PENA recordar que as Forças Armadas dos EUA, agora enfrentando a intimidante tarefa de manter a ordem e desenvolver instituições civis no Iraque, já enfrentaram, no início do século XX, missão semelhante em outra nação muçulmana — no sul das Filipinas. Comumente chamados de moros, esses 300.000 muçulmanos reagiram aos esforços para o estabelecimento da soberania norte-americana com grande desconfiança e, às vezes, com uma resistência violenta.

É muito importante entender as ações dos Estados Unidos no sul das Filipinas, uma das frentes na atual guerra contra o terrorismo. A organização terrorista Abu Sayyaf se encontra refugiada naquele país e os assessores das Forças Especiais dos EUA têm auxiliado as Forças Armadas Filipinas contra esse grupo. No início de 2002, uma ação combinada entre os EUA e as Filipinas em Basilan forçou a organização Abu Sayyaf a deixar a ilha, contudo o grupo ainda continua ativo.¹

A experiência do Exército dos EUA com os moros demonstra como as diferenças culturais e religiosas entre a população local e os americanos enviados para governá-la podem complicar os esforços de pacificação. Apesar dessas diferenças, o Exército conseguiu reduzir consideravelmente a resistência dos moros que se opunham ao controle dos EUA, tendo êxito ao combinar uma “política de atração” para convencer os

moros das vantagens do controle americano com um “comportamento agressivo” para aqueles que desafiavam a autoridade dos EUA.

O Exército e os Moros

O envolvimento americano na região iniciou logo após os EUA terem adquirido as Filipinas da Espanha, depois da Guerra Hispano-Americana. Com a chegada dos soldados americanos em 1899, iniciou-se um período de domínio militar americano sobre um povo dos quais tinham pouco conhecimento. A maioria da população do arquipélago Sulu e a metade sul da grande ilha de Mindanao eram moros.

Embora pertencessem a 13 grupos lingüístico-culturais diferentes, o Islã deu aos moros um senso de identidade comum e, com frequência, os instigava contra seus vizinhos filipinos cristãos. Antes da chegada do Exército dos EUA, os moros tinham a reputação de serem combatentes violentos. Sua cultura fomentava a coragem nos jovens, desenvolvia suas habilidades combatentes e a defesa da honra até a morte. Os espanhóis tinham apenas um controle fictício sobre eles e raramente se aventuravam muito além das fortificadas cidades costeiras.²

Controle indireto. Preocupados em derrotar os nacionalistas filipinos nas ilhas ao norte, os Estados Unidos inicialmente evitaram exercer autoridade sobre os moros para evitar qualquer tipo de resistência. A

maioria das funções governamentais continuou a ser exercida pelos *datus* (líderes locais) e a tradicional lei dos moros permaneceu em vigor. O Acordo de *Bates* de 1899 concedeu ao Sultão de Sulu a autoridade para governar as ilhas Sulu em troca do seu reconhecimento da soberania dos EUA.³

O sistema de domínio indireto americano, copiado da experiência britânica nas suas colônias asiáticas, foi satisfatório em alguns aspectos. Raramente ocorria um conflito entre os moros e as forças dos EUA. Com o passar do tempo, os colonizadores estavam cada vez mais descontentes com o acordo. Os moros continuavam a conduzir incursões uns contra os outros e contra os filipinos cristãos e, de vez em quando, atacavam as equipes americanas que avaliavam e construíam estradas.

Os críticos nos Estados Unidos condenavam a escravidão entre os moros e responsabilizaram o Acordo de *Bates* pela sua continuação. Os oficiais americanos que serviam no sul das Filipinas estavam cada vez mais frustrados com o Sultão de Sulu e outros líderes moros e começaram um movimento político a favor do domínio direto dos EUA. Decididos a modernizar as Filipinas, esses oficiais americanos consideravam os líderes moros incapazes de manter a ordem e contrários aos valores que os EUA pretendiam introduzir.⁴

Controle direto. Em 1903, o governo dos EUA decidiu implementar o controle direto sobre os moros. O fim das hostilidades entre o Exército dos EUA e os nacionalistas filipinos significou que mais tropas estavam disponíveis para continuar a missão. A Comissão Filipina estabeleceu a Província Mora (sul de Mindanao e o Arquipélago Sulu) liderada por um governador militar. Esse militar governava sob a supervisão geral da Comissão Filipina, mas tinha uma considerável autoridade, comandando todas as tropas norte-americanas na província e supervisionando os governadores dos distritos e outros funcionários públicos. Quase todos os cargos civis foram ocupados por militares.

Embora decidido a impor um controle direto, o Exército Americano agiu com cautela para evitar uma oposição mora de grandes proporções. O governo dos EUA preferiu que o Exército ficasse encarregado do controle da população, evitando derramamento de sangue, fato que caracterizara a recente guerra contra os nacionalistas filipinos. A Comissão Filipina anunciou que os EUA não interfeririam na cultura nem na organização tribal. Os comandantes americanos deixaram muito claro que não tinham nenhuma intenção de converter os moros ao cristianismo.

Embora o governo não tenha proibido, tampouco encorajou os missionários cristãos a entrarem nos territórios moros. A fim de contar com o apoio dos seus

líderes, os americanos permitiram que a responsabilidade pelo governo local continuasse com os *datus*, que passaram a ser “administradores tribais”.⁵

A assimilação benevolente. O Exército também promoveu uma assimilação benevolente, objetivo esse aprovado por William McKinley, presidente americano. O Governo dos EUA esforçou-se para receber apoio por meio da expansão do comércio e melhoria da saúde pública no território moro.

O governo também construiu estradas, escolas e mercados públicos, promoveu campanhas de vacinação e limpou cidades e vilas. Os militares que ocupavam cargos de funcionários públicos no governo provincial

É muito importante entender as ações dos Estados Unidos no sul das Filipinas, uma das frentes na atual guerra contra o terrorismo. A organização terrorista Abu Sayyaf se encontra refugiada naquele país e os assessores das Forças Especiais dos EUA têm auxiliado as Forças Armadas Filipinas contra esse grupo.

eram responsáveis pelos projetos de melhoramentos. Muitas vezes empregavam a diplomacia para ganhar a confiança dos moros. Ao se familiarizarem com as crenças e costumes moros, tratando-os sempre com respeito e enfatizando que o governo militar iria preservar os seus direitos de praticarem o islamismo, eles acabaram por convencer muitos líderes locais a aceitarem a autoridade americana.⁶

A Reforma e a Resistência

Apesar dessas iniciativas, a campanha dos EUA em exercer controle sem a eclosão de uma guerra não obteve o resultado esperado e as hostilidades entre americanos e moros tornaram-se cada vez mais frequentes. Um crescente número de oficiais americanos começou a pensar que, para controlar a população, seria necessária uma demonstração de força. Muitos desses oficiais consideravam os moros fanáticos que somente submeter-se-iam a um poder militar sobrepujante. Já que muitos oficiais consideravam o fanatismo moro uma característica associada ao Islã, estavam descrentes que os esforços diplomáticos apresentariam resultados positivos. Além disso, a idéia de que eram cultural e moralmente superiores aumentou ainda mais a sua impaciência com a diplomacia. Muitos deles admiravam os moros como guerreiros, mas os consideravam inferiores em quase todos os outros aspectos.⁷

Uma posição mais rigorosa contra os moros foi bem

aceita pelo primeiro governador da Província Mora, General Leonard Wood, quando de sua chegada às Filipinas. Muito amigo do presidente Theodore Roosevelt e ex-governador militar de Cuba durante a ocupação norte-americana, o General Wood era, por natureza, um reformador e logo decidiu que havia muitas mudanças a serem efetuadas. Sob sua direção, o conselho legislativo da província aprovou a abolição da escravatura, substituiu o código legal moro por outro mais parecido com o dos EUA e restabeleceu a *cedula*, um imposto da era espanhola para todos os homens adultos. Acima de tudo, o Gen Wood queria impor a ordem em uma sociedade mora que considerava caótica e sem leis.⁸

O fato de as políticas de Wood terem sido mal rece-

Os moros demonstraram de várias formas sua resistência armada. Alguns deles, especialmente na densa mata de Mindanao, empregaram a guerra de guerrilha, executando incursões nos acampamentos americanos em busca de armas e preparando emboscadas nas trilhas da floresta. A forma mais intimidante da resistência mora era o juramentado ou ataque suicida.

bidas não causou surpresa. A abolição da escravatura e do tradicional código legal atingiu diretamente o poder dos *datu*s e alguns deles decidiram atacar os americanos. Outros moros preferiram resistir por questões religiosas. Apesar da promessa, eles temiam que os americanos exigissem finalmente uma conversão para o cristianismo. A *cedula* criou também um enorme ressentimento em muitos moros que consideravam a submissão a esta ordem como uma forma de tributo para um governo não-islâmico.⁹

Os moros demonstraram de várias formas sua resistência armada. Alguns deles, especialmente na densa mata de Mindanao, empregaram a guerra de guerrilha, executando incursões nos acampamentos americanos em busca de armas e preparando emboscadas nas trilhas da floresta. A forma mais intimidante da resistência mora era o *juramentado* ou ataque suicida. Um atacante *juramentado* tentaria entrar no paraíso matando o maior número de infiéis, antes de se suicidar. Tais ataques não eram comuns, mas foram suficientes para manter os americanos em um constante estado de alerta. De um modo geral, a natureza da resistência mora era defensiva. Um *datu* que não se submetesse à autoridade americana reunir-se-ia com seus seguidores em uma posição fortificada chamada *cotta* sempre que soldados americanos surgissem na área. Uma vez dentro da *cotta* — uma forte estrutura

construída de troncos, barro, pedras e bambu — os moros acenavam a bandeira de guerra e faziam soar os gongos de guerra para indicar sua oposição, na esperança de que os americanos partissem para um assalto que custaria muitas vidas.¹⁰

A resistência mora tinha grandes desvantagens; por exemplo: eles foram desarmados pelos americanos. Alguns moros conseguiram obter fuzis americanos ou espanhóis, mas normalmente eles se armavam com espadas e lanças — armas que eram somente eficazes a curta distância.

Divididos em grupos tribais, cada um com seu idioma e costumes, e subdivididos em clãs chefiados por um *datu*, os moros estavam freqüentemente em guerra um contra os outros. Como nas primeiras guerras contra os índios americanos, os oficiais do exército aproveitaram as animosidades antigas entre as tribos. Ao travarem guerra contra um *datu*, os americanos freqüentemente ficavam sabendo que outros *datu*s estavam prontos para divulgar a situação precária do rival.

Expedições punitivas. Um oficial dos EUA servindo em Mindanao observou que o Gen Wood investia contundentemente contra os moros. Seus soldados mataram centenas de moros e queimaram suas casas e plantações. Os comentários do General durante uma expedição a Mindanao refletiam seus métodos de guerra. Em consequência de os moros daquela área ter sido intolerantes por várias gerações, “Wood decidiu esquadrihar o vale, destruindo todos os depósitos de suprimentos bélicos, dispersando e eliminando todas as forças hostis e também destroçando cada *cotta* onde encontrasse a menor resistência”.¹¹ Ele e outros oficiais expressaram satisfação com os resultados dessas campanhas devastadoras. A consequência de punir um grupo de moros fez com que as outras facções que se mostravam “descompromissadas e hostis” se submetessem aos americanos. A campanha de Wood definitivamente terminou com a resistência, em grande escala, em Mindanao.

Embora as campanhas punitivas forçassem muitos moros à submissão, talvez, na realidade prejudicasse o esforço de pacificação. Os moros estavam indignados pelo massacre de mulheres e crianças — resultado do fogo indiscriminado das Forças Armadas dos EUA e da prática mora de levar toda a família para as *cottas* sempre que houvesse um movimento de tropas contra eles.¹² Essas expedições punitivas deixaram muita gente sem moradia e alimentos, crianças órfãs, clãs sem líderes e contribuíram para o fracasso da ordem social mora.

Centenas de moros refugiados, temerosos e revoltados, se reuniram perto do vulcão Bud Dajo de Jolo depois de um ataque contra vários *datu*s, comprovando assim que as políticas implementadas por Wood, às



Departamento de Defesa

Reunião entre os moros liderados por Taluk Sangay na Província Zamboanga, em Mindanao e o Governador Capitão Finley, aproximadamente em 1900.

vezes, criavam a desordem que ele tanto queria eliminar. No início de 1906, um grande número de moros descontentes fortificou a cratera do vulcão inativo, recusando-se a obedecer às ordens dos militares americanos para que se retirassem. Os *datus*, incapazes de persuadir seus seguidores a abandonarem a montanha, culpavam as políticas implementadas pelos EUA pela situação. Como afirmaram, as imposições de um novo código legal e o desejo de os oficiais americanos em anular suas decisões judiciais causaram um desgaste à autoridade dos *datus*.¹³

Depois de vários meses de negociações, o Gen Wood perdeu a paciência com os moros e ordenou às tropas americanas que fossem a Bud Dajo para “limpar o lugar”. Ao custo de 15 mortos, as forças americanas ultrapassaram as posições defendidas bravamente pelos moros. O resultado desse ataque foram 600 moros mortos, inclusive mulheres e crianças. Wood conseguiu derrotar a resistência, ao preço de um ressentimento de longo prazo por parte dos moros. Além disso, a batalha de Bud Dajo desencadeou um protesto pelos antiimperialistas nos EUA, os quais

questionavam a necessidade do ataque e acusavam o General Wood e suas tropas de realizarem um implacável massacre.¹⁴

Diplomacia. O Gen Wood deixou o cargo de governador em 1906 para comandar a Divisão do Exército nas Filipinas. Seu sucessor, o General Tasker Bliss, mudou significativamente as políticas dos EUA. Ao contrário de Wood, Bliss preferiu a diplomacia ao invés da coerção, abandonando o método das expedições punitivas do seu antecessor, a favor de uma política que enfatizasse a punição apenas para os criminosos. Ele afirmou: “Nosso esforço é fazer os nativos entenderem que, quando um ou muitos deles cometem um crime, nós não procuramos a vingança perseguindo todo o país, mas somente iremos atrás dos culpados, evitando o sofrimento do resto da população.”¹⁵

Bliss também queria reduzir as probabilidades de enfrentamentos entre moros e americanos. Ele reclamava de oficiais muito agressivos, inclusive um que “parecia querer matar o primeiro moro que avistasse”.¹⁶ Segundo Bliss, uma solução parcial, era empregar tropas nativas (membros da Polícia Militar e obser-

vadores do Exército Filipino) para executar a maior parte do patrulhamento e das detenções. O emprego dos nativos como tropas auxiliares fora um costume dos antigos poderes coloniais. Em 1903, o Governo dos EUA começou a recrutar moros para prestar serviço na Polícia Militar e nas unidades de observação comandadas por oficiais americanos. Os novos recrutas se adaptaram muito bem à vida militar e provaram sua lealdade aos Estados Unidos, embora alguns tenham desertado ou atacado seus oficiais.¹⁷

A política de Bliss, de evitar ações que provocassem os moros, ajudou a estabilizar a província, reduzindo também os confrontos entre as duas partes. Bliss decla-

O emprego dos nativos como tropas auxiliares fora um costume dos antigos poderes coloniais. Em 1903, o Governo dos EUA começou a recrutar moros para prestar serviço na Polícia Militar e nas unidades de observação comandadas por oficiais americanos. Os novos recrutas se adaptaram muito bem à vida militar e provaram sua lealdade aos Estados Unidos, embora alguns tenham desertado ou atacado seus oficiais.

rou que “Os moros são geralmente calmos e pacíficos porque nossa interferência em seus assuntos é a menor possível”.¹⁸ A disposição dos americanos de empregar a força — claramente demonstrada durante o governo do Gen Wood — indubitavelmente também contribuiu para uma calma relativa. Entretanto, Wood não estava muito bem impressionado com a performance de Bliss. Em particular, ele o criticava por sua passividade, uma opinião que aumentou quando ele não foi muito austero ao deter um moro que havia matado um soldado norte-americano.

Em 1909, o General John J. Pershing substituiu o Gen Bliss, adotando em grande parte as políticas estabelecidas por seu antecessor ao assegurar para os líderes moros que apenas os fora-da-lei seriam punidos. Entretanto, o Gen Pershing acreditava que poderia superar a performance do Gen Bliss. Segundo ele, pouco controle era exercido sobre alguns oficiais e Bliss fazia todo o possível para evitar conflito ao concentrar suas tropas perto de seus próprios postos. Também pensava que Bliss perdera a oportunidade de promover entre os moros uma atitude mais positiva em relação aos americanos, dizendo: “Temos que prosseguir em várias direções e informar a todos na Província Mora que existe um governo, o qual está fazendo o melhor pela população e que se propõe e pretende encorajá-los

e protegê-los.”¹⁹ Para que a presença do governo fosse mais visível, Pershing dividiu suas forças em duas unidades menores distribuindo-as por toda a província.

Desarmamento e Massacre

O governo de Pershing talvez tivesse sido tão pacífico como o de Bliss, exceto por sua decisão de desarmar a população, política essa que causou muita ira entre os moros, iniciando outro período de conflito. A idéia de desarmamento já existia há algum tempo — Bliss foi um dos seus proponentes — mas comandantes superiores, temerosos de uma reação violenta pelos moros, se negavam a aprová-la. Em 1911, Pershing conseguiu sua aprovação e anunciou uma nova lei exigindo que os moros entregassem suas armas de fogo e proibindo a posse de armas pontudas. Para muitos moros, as armas eram propriedades valiosas e se recusaram a entregá-las, dando início a um conflito entre eles e as tropas enviadas para impor a lei.²⁰

No final de 1911, a fim de manifestarem sua posição, aproximadamente 800 moros fugiram para o velho campo de batalha de Bud Dajo. Comparada ao episódio prévio na montanha, a resposta de Pershing foi uma prova incontestável da diferença existente entre ele e o Gen Wood. Pershing insistia que se os americanos fossem mais pacientes as diferenças poderiam ser resolvidas sem derramamento de sangue. Ele escreveu: “Meu objetivo não é causar uma enorme impressão aqui, provocando a morte de muitos soldados e o massacre dos moros, inclusive mulheres e crianças.”²¹ Pershing conseguiu dispersar os moros em Bud Dajo com muito poucas baixas. Os soldados americanos agiram rapidamente, cercando a montanha para impedir os moros de obterem suprimentos, antes que estes pudessem acumular provisões ou construir *cottas*. Os líderes moros que queriam cooperar convenceram a maioria dos revoltosos a abandonar a montanha e se render, entregando as suas armas. Apenas 12 moros perderam a vida — um número bem menor do que as 600 mortes ocorridas cinco anos antes.²²

Contudo, o gerenciamento de outro caso de resistência violenta resultou em um maior número de baixas. Em 1913, milhares de moros deslocaram-se para fortificar a cratera de Bud Bagsak ao leste de Jolo, a fim de desafiar a política de desarmamento. Pershing tentou diligentemente negociar a saída dos moros e muitos finalmente deixaram a montanha. No entanto, um grupo de mais ou menos 500 moros permaneceu em suas posições fortificadas recusando-se a render suas armas. Relutando em sujeitar-se a um desafio tão evidente e pressionado para findar a insurreiçã, Pershing ordenou um ataque em Bud Bagsak, resultando na morte de quase todos os moros que lá se encontravam, incluindo 50 mulheres e crianças.²³



Departamento de Defesa

General Leonard Wood

A batalha de Bud Bagsak foi o último importante caso de resistência mora contra o controle dos EUA. Depois de 1913, civis substituíram os oficiais do Exército no governo da província e a maioria dos soldados se retirou. As lutas entre os moros e as forças governamentais virtualmente findaram, em parte como consequência da política de desarmamento que removeu milhares de armas da província. Talvez a razão mais importante para os moros começarem a apoiar a soberania dos EUA tenha sido a expectativa de independência das Filipinas; eles se aperceberam de que a independência provavelmente significaria o controle de suas terras pelos abomináveis cristãos filipinos.²⁴

As batalhas em locais como Bud Dajo e Bud Bagsak há muito tempo desapareceram da consciência dos norte-americanos — na realidade, mesmo durante essa época poucos repararam nos acontecimentos. Contudo, entre os moros, as campanhas dos EUA foram de muita importância. O grande número de baixas resultantes das operações militares americanas contribuiu para a formação do sentimento antiamericano ainda existente nas Filipinas. Tais sentimentos mostraram-se evidentes em fevereiro de 2003, quando o governo filipino anun-

ciou que participaria da Operação Balikatan, um exercício combinado com os Estados Unidos em Jolo.

O anúncio do governo provocou fortes condenações por muitos filipinos. Vários nacionalistas temiam que os EUA utilizassem os exercícios para se envolverem diretamente no combate contra o grupo terrorista Abu Sayyaf, um papel expressamente proibido pela Constituição filipina. A reação dos residentes de Jolo foi também importante. Um jornalista que visitou rapidamente a ilha, depois desse anúncio, fez uma reportagem que ressaltou a oposição contra a chegada das tropas americanas. Uma faixa no porto principal da ilha dizia: “Não permitiremos que a história se repita! Ianque, vá embora.” A estação de rádio local transmitia canções tradicionais com novas letras: “Ouvimos dizer que os americanos vêm e estamos nos preparando. Estamos afiando nossas espadas para exterminá-los quando chegarem... Nossos antepassados estão clamando por vingança.”²⁵

Devido ao crescimento da oposição, o Governo Filipino cancelou os exercícios em Jolo.²⁶ Para os moros, cujas baladas e histórias mantêm vivos os acontecimentos do passado, a ocupação militar dos

EUA, no século anterior, continua sendo uma fonte de inimizade com os americanos.

As Lições para os Dias Atuais

A experiência do Exército dos EUA no relacionamento com os moros oferece algumas lições aplicáveis nos dias atuais. Primeiro, os esforços realizados para uma transformação rápida da cultura nativa — por melhor intencionados que sejam — sempre causam mais resistência. A inesperada imposição, pelos EUA, de decretos proibindo a escravidão, a imposição de impostos para cada indivíduo, a revisão do código legal e a proibição de portar armas incitaram muitos moros a uma oposição violenta. Uma solução mais sensata teria sido impor estas mudanças progressivamente. Segundo, a disposição demonstrada pelo Exército

de empregar a força contra os moros que resistissem ao controle dos EUA desencorajou a oposição pelos nativos; porém o agressivo e indiscriminado uso da força — empregado pelo Gen Wood durante suas campanhas punitivas — muitas vezes aumentou a desordem, em vez de diminuí-la. Terceiro, as ações que produziram melhoramentos tangíveis na vida diária dos moros — tais como a construção de estradas e a modernização no sistema de saúde — contribuíram para aumentar o apoio aos EUA. Finalmente, a política de não-interferência na prática do islamismo foi de extrema importância para uma maior aceitação do domínio americano. A freqüente rejeição americana à tentativa de conversão dos moros e a decisão de desestimular as atividades dos missionários cristãos, acalmou gradualmente o receio da população. **MR**

Referências

1. MAXWELL, Coronel David S: "Operation Enduring Freedom—Philippines: What Would Sun Tzu Say?" *Military Review* (maio-junho 2004), pp. 20-23.
2. GOWING, Peter G: *Muslim Filipinos — Heritage and Horizon* (Quezon City: New Day Publishers, 1979), pp. 29-34 e 95-100.
3. BACEVICH, Major Andrew J. Jr: "Disagreeable Work: Pacifying the Moros, 1903-1906," *Military Review* (junho de 1982): pp. 50-51.
4. LINN, Brian McAllister: *Guardians of Empire: The U.S. Army and the Pacific, 1902-1940* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1997), pp. 35-37; SALMAN, Michael: *The Embarrassment of Slavery: Controversies over Bondage and Nationalism in the American Colonial Philippines* (Berkeley: University of California Press, 2001), pp. 59-82.
5. AMOROSO, Donna J: "Inheriting the 'Moro Problem': Muslim Authority and Colonial Rule in British Malaya and the Philippines," in *The American Colonial State in the Philippines: Global Perspectives*, editores Julian Go e Anne L. Foster (Durham, Carolina do Norte: Duke University Press, 2003), p. 141.
6. GOWING: *Mandate in Moroland: The American Government of Muslim Filipinos, 1899-1920* (Quezon City: University of the Philippines System, 1977), pp. 47-57 e 63-65; BACEVICH, pp. 51-52; mensagem de DAVIS, General George para SUMNER, General Samuel. 19 abr 1903, Box 317, PERSHING, John J: *Papers, Library of Congress*; BIRTLE, Andrew J: "U.S. Army Counterinsurgency and Contingency Operations Doctrine, 1860-1941" (Washington DC: Center of Military History, 2001), pp. 159-68; SMYTHE, Donald, *Guerrilla Warrior: The Early Life of John J. Pershing* (New York: Charles Scribner's Sons, 1973), pp. 66-110.
7. SMITH, C.C.: "The Mindanao Moro," *Cavalry Journal* (Outubro 1906): 287-88. Veja também SWEET, Owen J: "American Rule in the Sulus" *The Independent* (3 out 1901): pp. 2 e 329-36.
8. LANE, Jack C.: *Armed Progressive: General Leonard Wood* (San Rafael, California: Presidio Press, 1978), pp. 117-26; BACEVICH, pp. 53-55.
9. "Interview with Hadji Butu," 8 ago 1904, Box 56, SCOTT, Hugh L: *Papers, Library of Congress*; mensagem de SCOTT, Hugh L. para WOOD, Leonard, 9 mar 1905, Box 56, Scott Papers.
10. SMITH, p. 308; GOWING: *Mandate in Moroland*, pp. 94-100.
11. *Diário do General Robert Lee Bullard*, 8 out 1903 e 19 abr 1904, Box 1, BULLARD, Robert Lee: *Papers, Library of Congress*; *O Diário de Leonard Wood*, 7 abr 1904, Box 3, Leonard Wood Papers, Library of Congress.
12. Cópia da entrevista com líderes moros, 17 ago 1904, Box 56, Scott Papers.
13. Cópia da entrevista com líderes moros, 13 abr 1906, Box 3, Wood Papers.
14. Mensagem de WOOD para BLISS, General Tasker; 2 março 1906, Box 38, Wood Papers; DUNCAN, Coronel Joseph Wilson para o Ajudante Geral, 10 março 1906, Box 278, Pershing Papers; Congressional Record, volume 40, parte 4, 15 mar 1906, 3895; STOREY, Moorfield; *The Moro Massacre* (Boston, Massachusetts: The Anti-Imperialist League, 1906); ABBOTT, Edward: *The Battle of the Crater* (Boston, Massachusetts: Anti-Imperialist League, 1906).
15. BLISS para SCHUSTER, 1º ago 1906, vol. 44, Tasker Bliss Papers, Library of Congress.
16. De WOOD para BLISS, 16 jul 1906, Box 38, Wood Papers; de BLISS para PERSHING, 27 set 1909, Box 371, Pershing Papers.
17. GOWING: *Mandate in Moroland*, pp. 167-71.
18. Citado em THOMPSON, Wayne Wray: "Governors of the Moro Province: Wood, Bliss, and Pershing in the Southern Philippines, 1903-1913" (tese de Ph.D, University of California, San Diego, 1975), p. 159.
19. De PERSHING para FORBES, CAMERON, William: 24 dez 1909, Box 76, Pershing Papers.
20. PERSHING, "Annual Report of the Governor of the Moro Province," 15 ago 1912; de PERSHING para WARREN, Helen Frances, 9 fev 1912, Box 371, Pershing Papers. Veja também Thompson, p. 201.
21. De PERSHING para BELL, FRANKLIN, General James; 16 dez 1911, Box 371, Pershing Papers.
22. De PERSHING ao AJUDANTE GERAL, 31 mai 1912, Box 371a, Pershing Papers.
23. SMYTHE, 186-204; de FORBES para PERSHING, 4 fevereiro 1913, Box 76; de PERSHING para o Ajudante Geral, 15 out 1913, Box 371a, Pershing Papers.
24. De Pershing para Wood, 9 jul 1913, Box 371; "Annual Report of the Governor of Moro Province," 30 jun 1913, Box 371a, Pershing Papers.
25. Public Broadcasting Service, "Frontline/World: Philippines: Islands under Siege," junho 2003. Disponível em www.pbs.org/frontlineworld/stories/philippines/guzman02.html. Acesso em 23 mar 2005.
26. KAUFMAN, Karl B. "Sulu Balikatan Likely to be Scrapped," *Manila Times*, 4 mar 2003. Disponível em www.manilatimes.net/national/2003/mar/04/top_stories/20030304_top3.html. Acessado em 23 mar 2005.

O Doutor Charles A. Byler é professor associado de história no Carroll College, Waukesha, Wisconsin. Possui os títulos de Bacharel pelo Whitman College e Ph.D pela Universidade de Yale. Sua área de especialização é história política e militar norte-americana do século XX. Atualmente, escreve um livro sobre as relações civil-militares nos Estados Unidos durante o período entre a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial (publicação de Praeger).